

Os rumos da dívida

Cet

A dívida externa do Terceiro Mundo vem atravessando altos e baixos de esperanças e deceções, numa perigosa escalada. Ora vazam informes que os bancos credores tendem a aceitar uma renegociação ampla, estariam já se reunindo a portas trancadas, ora os rumores são logo esvaziados e recomeça o ciclo de insinuações e desmentidos.

Agora mesmo volta a crescer a onda de disse-que-disse acerca de uma possível reação argentina à pressão que vem recebendo de certas autoridades dos Estados Unidos, para negociar nos moldes tradicionais com o Fundo Monetário Internacional. Isto significa, em poucas palavras, mais uma exigência de concessão maior por parte de um País em vias de desenvolvimento, aos seus próximos investidores. Em vez do contrário, como tanto se apregoa a respeito de cooperação mundial.

O que se presencia, no momento, é isto. A República Dominicana parou seus pagamentos, em meio a uma grande crise interna, numa região de alta ebullição política como o Caribe. A Bolívia, mesmo isolada no centro do continente sul-americano, seguiu-lhe os passos. Duas pilulas amargas, porém tragáveis pelos credores, porque são relativamente pequenas.

Mais eis que a Argentina começa a demonstrar que sua resistência é para valer e que seu novo regime democrático, encabeçado pelo presidente Raul Alfonsin, não será facilmente desestabilizado

de fora para dentro, como aconteceu várias vezes em situações análogas, ali e em quase toda parte no Terceiro Mundo.

O "bom comportamento" do México, tão elogiado pelo Secretário do Tesouro dos EUA, Donald Regan, apresenta-se extremamente relativo. Caberá, cada vez mais ao México, a condição de principal exportador do petróleo estrangeiro para a América no Norte, num fluxo muito mais cômodo que o procedente do tumultuado Oriente Médio. Os ajuste internos mexicanos sempre levam em conta a margem desta expansão implicitamente recebem o mesmo tratamento de Washington.

A "Mout Pelerin Society", ligada ao ultra-monetarista e Prêmio Nobel de Economia, Friedrich Hayek, muito bem denunciou a existência de um cartel dos credores, enquanto o dos devedores apenas começa a despontar, encontrando-se ainda longe a sua organização. O mercado financeiro internacional está sobrecarregado e exausto de todo tipo de sobretaxas, num autêntico quadro de usura: "spreads" (taxas de risco), "arrangement fees" (taxas de abertura), "commitment fees" (taxas de comprometimento), etc. O Presidente do Banco do Brasil mostrou como melhoraria de imediato a situação com alguns cortes neste setor, por parte dos que vivem exigindo que se enxuge a economia dos Países pobres. Que os ricos façam outro tanto nos seus esdrúxulos crité-

rios acumulativos. Ponham também ordem no seu lado do mercado. É inicialmente fácil e, depois, perigoso impor pela força aos fracos.

Se responsabilidade há por parte dos devedores, ela incide da mesma forma sobre os credores. Quem os mandou emprestar na proporção em que o fizeram? Quem, senão uma excessiva cobiça que marcha rapidamente a ver-se punida. Apertaram os parafusos além dos limites.

Veja-se o caminho das exportações bloqueado por protecionismos dos ricos, que outrora eles acusavam os pobres de manterem, quando estes queriam defender suas incipientes indústrias. Instalaram-se as multinacionais, passaram a exportar seus naturais lucros, porém eis que elas próprias passam a enfrentar dificuldades nas exportações para suas nações matriz. Obstáculos ainda maiores, previsivelmente recaindo sobre as empresas locais, estatais ou privadas estão pela frente.

Estatísticas apontam um recuo dos níveis de renda brasileira aos vigorantes em 1977. Com mais outro arrocho, o País se verá remetido a degraus anteriores aos do tempo de JK, que aliás reagiu, já naquela época, contra uma investida coberta pelo FMI.

Os chamados "Sete Grandes" da economia mundial, políticos experimentados, talvez acabem atentando também para estes lados da questão.